

## O BEIJO

Às oito da noite de 20 de maio, todas as seis baterias da brigada de artilharia da reserva sediada em N., que se dirigia para um acampamento, detiveram-se a fim de pernoitar na aldeia de Miestietchko. No mais aceso da lufa-lufa, quando uns oficiais tomavam providências junto aos canhões, e outros, que se dirigiram montados à praça contígua ao gradil da igreja, ouviam os plantões de alojamento, surgiu de trás da igreja um homem à paisana, montado num cavalo estranho. Este, que era pequeno, de pelagem isabel, com um pescoço bonito e cauda curta, avançava como que de lado e executava com as pernas movimentos miúdos, de dança, como se alguém lhe fustigasse as patas com uma chibata. Acercando-se dos oficiais, o cavaleiro levantou um pouco o chapéu e disse:

— Sua Excelência, o Tenente-General Von Rabbek, que possui terras aqui, convida os senhores oficiais a irem agora mesmo tomar chá em sua casa...

O cavalo inclinou-se, tornou a dançar e recuou também de lado; o cavaleiro tirou mais uma vez o chapéu e, um instante depois, desaparecia com o seu estranho cavalo atrás da igreja.

— Pouca-vergonha dos diabos! — resmungaram alguns oficiais, indo para o acantonamento. — Tem-se sono, e aí vem este Von Rabbek com o seu chá! Conhecemos esses chás!

Os oficiais de todas as seis baterias lembraram-se vivamente de um caso no ano anterior, quando, por ocasião das

manobras, eles e os oficiais de um regimento de cossacos foram convidados de modo idêntico para um chá por um conde, proprietário rural e militar reformado; o anfitrião hospitaleiro, prazenteiro, tratara-os com carinho, servira-lhes comidas e bebidas e não os deixara voltar ao acantonamento na aldeia, obrigando-os a pernoitar em sua casa. Tudo isto é bom, está claro, não se precisa de nada melhor, mas a desgraça estava em que o militar reformado alegrara-se desmedidamente com a presença dos moços. Ficou contando aos oficiais até o amanhecer episódios do seu glorioso passado, conduziu-os através da casa, mostrou-lhes quadros caros, gravuras antigas, armas raras, leu cartas autênticas de autoridades, enquanto os oficiais extenuados, ouvindo-o, ficavam olhando e, saudosos do leito, bocejavam às escondidas dentro das mangas; quando, finalmente, o dono da casa os dispensou, já era tarde demais para dormir.

Não seria da mesma espécie aquele Von Rabbek? Em todo caso, não havia remédio. Os oficiais trocaram de roupa, limpam-se um pouco e saíram em bando, à procura da casa do proprietário rural. Na praça junto à igreja, disseram-lhes que se podia ir até lá quer por baixo, isto é, descendo para o rio, por trás da igreja, e caminhando pela margem até o jardim da propriedade, e ali as alamedas levavam à casa, quer por cima, diretamente pela estrada que sai da igreja e que, a meia versta da aldeia, vai ter aos armazéns do proprietário. Os oficiais resolveram ir por cima.

— Quem será esse Von Rabbek? — conjecturavam pelo caminho. — Não será aquele que comandou em Plevna<sup>1</sup> a divisão de cavalaria de N.?

— Não, aquele não era Von Rabbek, mas simplesmente Rabe, sem o Von.

— Que tempo lindo!

<sup>1</sup> Cidade búlgara, tomada pelos russos em dezembro de 1877, após cinco meses de obstinada defesa pelos turcos.

Junto ao primeiro armazém do proprietário, a estrada se bifurcava: um ramo continuava em frente e desaparecia na bruma do anoitecer, o outro levava à casa senhorial, à direita. Os oficiais dobraram à direita e baixaram a voz... De ambos os lados da estrada, estendiam-se armazéns de pedra com telhados vermelhos, pesados e severos, muito semelhantes às casernas da sede do distrito. Na frente, as janelas da casa senhorial estavam iluminadas.

— Senhores, um bom indício! — disse um dos oficiais. — O nosso perdigueiro vai na frente de todos; quer dizer, está prevendo uma presa!...

O Tenente Lobitko, que ia na frente, homem alto e corpulento, mas completamente desprovido de bigodes (tinha mais de vinte e cinco anos, mas por algum motivo ainda não haviam aparecido pêlos em seu rosto redondo e nutrido), famoso no grupo pela sua argúcia e pela capacidade de adivinhar, a distância, a presença de mulheres, virou-se e disse:

— Sim, deve haver mulheres aqui. Sinto isso por instinto.

À entrada da casa, os oficiais foram recebidos por Von Rabbek em pessoa, velho de uns sessenta anos, de ar respeitável, à paisana. Apertando as mãos das visitas, ele disse estar muito contente e feliz, mas pedia desculpas insistentes, pelo amor de Deus, aos senhores oficiais, por não convidá-los a pernoitar em sua casa; tinham chegado irmãos, duas irmãs com os filhos, vizinhos, de modo que não lhe sobrava nenhum quarto vago.

O general apertou a mão de todos, pedindo desculpas e sorrindo, mas via-se pelo seu rosto que ele estava muito menos contente em receber as visitas do que aquele conde do ano passado, e que fizera um convite aos oficiais unicamente porque, a seu ver, as boas maneiras o exigiam. E os próprios oficiais, subindo a escada macia e ouvindo-o, sentiam terem sido convidados para aquela casa unicamente porque daria vergonha não os convidar, e, ao ver os criados, que se apressavam a acender as luzes embaixo, na entrada, e em cima, na

ante-sala, tiveram a impressão de haver trazido inquietação e sobressalto àquela casa. Pode ser agradável porventura a presença de doze oficiais desconhecidos numa casa onde se reuniram, para alguma solenidade ou acontecimento familiar, irmãos, duas irmãs com os filhos, vizinhos?

Em cima, à entrada da sala, os hóspedes foram recebidos por uma velha alta e esbelta, de rosto comprido com sobancelhas negras, muito parecida com a Imperatriz Eugênia.<sup>2</sup> Ela disse, com um sorriso acolhedor e majestoso, estar contente e feliz de ver em sua casa aquelas visitas, e desculpou-se porque ela e o marido estavam nessa ocasião impossibilitados de convidar os senhores oficiais a passar ali a noite. Pelo bonito e majestoso sorriso, que desaparecia imediatamente do seu rosto, sempre que ela desviava-o por algum motivo das suas visitas, percebia-se que ela vira em sua vida muitos senhores oficiais, que tinha mais em que pensar, e que se os convidara para sua casa e estava pedindo desculpas era unicamente porque a sua educação e posição na sociedade o exigiam.

Na grande sala de jantar, onde entraram os oficiais, uma dezena de homens e senhoras, idosos uns, jovens outros, tomavam chá, sentados de um lado da mesa comprida. Atrás das suas cadeiras, destacava-se um grupo de homens, envolvido por uma tênue fumaça de charutos; no meio do grupo, estava um jovem magricela de pequenas suíças ruivas, que falava alto em inglês, pronunciando mal os erres. Por entre aquela gente, via-se através de uma porta um quarto claro com mobília azul-celeste.

— Os senhores são tantos que é impossível apresentá-los! — disse alto o general, esforçando-se em parecer muito alegre. — Apresentem-se sozinhos, senhores, à maneira singela!

Os oficiais, uns com rosto muito sério e até severo, outros com um sorriso forçado, sentiram-se todos muito pouco

<sup>2</sup> A esposa de Napoleão III da França.

à vontade, cumprimentaram como puderam os presentes e sentaram-se para tomar chá.

Quem se sentia mais constrangido era o Capitão Riabóvitch, oficial pequeno, um tanto curvado, de óculos e de suíças que lembravam um lince. Enquanto uns dos seus colegas aparentavam seriedade e outros tinham um sorriso forçado, o seu rosto, as suíças de lince e os óculos pareciam dizer: “Sou o mais tímido, o mais modesto, o mais incolor dos oficiais de toda a brigada!”. A princípio, entrando na sala de jantar, e, depois, sentado com o seu chá, não conseguia de modo algum deter a atenção em algum rosto ou objeto. Os semblantes, os vestidos, as jarrinhas de cristal com o conhaque, a fumaça que saía dos copos, as cornijas entalhadas, tudo isso fundia-se numa impressão geral, imensa, que infundia a Riabóvitch alarma e vontade de esconder a cabeça. A exemplo de um declamador que aparece pela primeira vez em público, ele via tudo o que tinha ante os olhos, mas não compreendia bem o que via (os fisiólogos chamam de “cegueira psicológica” a condição em que o indivíduo não compreende o que vê). Um pouco depois, familiarizado com o ambiente, Riabóvitch já era capaz de observar. Homem tímido e pouco sociável, o que primeiro lhe saltou à vista foi aquilo que nunca tivera, isto é, a extraordinária coragem dos seus novos conhecidos. Von Rabbek, sua mulher, duas senhoras de meia-idade, uma senhorita de vestido lilá e o jovem de suíças pequenas e ruivas, que se constatou ser o filho mais novo de Rabbek, sentaram-se com muita agilidade entre os oficiais, como se tivesse havido um ensaio prévio, e imediatamente iniciaram uma discussão ardorosa, da qual as visitas não podiam deixar de participar. A senhorita lilá pôs-se a demonstrar com veemência que os artilheiros tinham vida muito menos penosa que a da cavalaria e da infantaria, enquanto Rabbek e as senhoras de meia-idade afirmavam o contrário. Começou uma conversa cruzada. Riabóvitch ficou olhando a senhorita lilá, que discutia com tamanho ardor um

assunto que lhe era alheio e de todo desinteressante, e vendo sorrisos insinceros aparecerem e desaparecerem-lhe no rosto.

Von Rabbek e sua família atraíam com habilidade os oficiais para uma discussão, e ao mesmo tempo vigiavam atiladamente os seus copos e bocas, a fim de verificar se estavam bebendo tudo, se todos tinham açúcar e por que este ou aquele não comia biscoito ou não tomava conhaque. E quanto mais Riabóvitch olhava e escutava, mais lhe agradava aquela família insincera, mas admiravelmente disciplinada.

Depois do chá, os oficiais foram para o salão. O faro do Tenente Lobitko não o enganara; havia ali muitas moças e jovens senhoras. O tenente perdigueiro já estava parado junto de uma loura muito jovem, de vestido preto, e, garbosamente curvado, como que se apoiando num sabre invisível, sorria e movia os ombros com faceirice. Dizia, provavelmente, alguma tolice muito interessante, pois a loura olhava condescendente o seu rosto nutrido e perguntava com indiferença: “É mesmo?”. E, por este desapaixonado “É mesmo”, o perdigueiro, se fosse inteligente, poderia concluir que dificilmente lhe gritariam: “Isca!”.

Ressoou o piano de cauda; uma valsa dolente voou da sala através das janelas completamente abertas, e todos por alguma razão lembraram-se de que, além das janelas, eram primavera e noite de maio. Todos sentiram que o ar recendia a folhagem nova de choupo, a rosas e lilases. Riabóvitch, em quem, sob o influxo da música, começou a manifestar-se o conhaque ingerido, olhou de viés para a janela, sorriu, começou a acompanhar os movimentos das mulheres, e teve a impressão de que o aroma das rosas, dos choupos e lilases não vinha do jardim, mas dos semblantes femininos e dos vestidos.

O filho de Rabbek convidou uma jovem esquelada para dançar e deu com ela duas voltas. Deslizando sobre o parquete, Lobitko chegou correndo até a senhorita lilá e voou com ela pelo salão. Começaram as danças... Parado junto à

porta, entre os que não dançavam, Riabóvitch ficou observando. Em toda a vida, nunca dançara e nenhuma vez abraçara a cintura de uma mulher direita. Agradava-lhe ao extremo que um homem pegasse pela cintura, à vista de todos, uma jovem desconhecida e oferecesse o ombro para ela apoiar a mão, mas não podia de modo algum imaginar-se na condição desse homem. Houve um tempo em que ele invejava a vivacidade e coragem dos seus colegas e sofria no íntimo; a consciência de que era tímido, curvado e incolor, que tinha um corpo comprido e suíças de lince, ofendia-o profundamente, mas, com o passar dos anos, essa noção tornou-se um hábito, e agora, olhando os que dançavam ou falavam alto, ele não tinha mais inveja, mas apenas comovia-se entristecido.

Quando começou a quadrilha, o jovem Von Rabbek aproximou-se dos que não dançavam e convidou dois oficiais para uma partida de bilhar. Os oficiais aceitaram e acompanharam-no para fora do salão. Por desenfado, querendo tomar pelo menos alguma parte no movimento geral, Riabóvitch arrastou-se atrás deles. Do salão passaram para a sala de visitas, depois para um corredor estreito de vidro, dali para uma sala onde, apenas eles entraram, três vultos sonolentos de criados pularam depressa dos divãs. Finalmente, tendo atravessado uma sucessão de salas, o jovem Rabbek e os oficiais entraram numa sala pequena, onde estava a mesa de bilhar. Começou a partida.

Riabóvitch, que nunca jogara nada a não ser baralho, ficou parado junto à mesa, olhando com indiferença os jogadores, que, tendo desabotoado a casaca, caminhavam de taco nas mãos, soltavam trocadilhos e gritavam palavras incompreensíveis. Não o notavam e somente de raro em raro algum deles, depois de empurrá-lo com o cotovelo ou de tocá-lo sem querer com o taco, virava-se e dizia: “*Pardon!*”. A primeira partida ainda não terminara, e ele já estava aborrecido e tinha a impressão de que era demais ali, que atrapalhava... Quis voltar ao salão e saiu.

Na volta, viveu uma pequena aventura. A meio caminho, percebeu que estava indo na direção errada. Lembrava-se muito bem de que devia encontrar três vultos sonolentos de criados, mas atravessou cinco ou seis salas, e esses vultos como que sumiram debaixo da terra. Depois de perceber o seu engano, caminhou um pouco para trás, dobrou à direita e entrou num escritório meio escuro, que não vira quando fora à sala de bilhar; tendo parado ali cerca de meio minuto, abriu decidido a primeira porta que viu e entrou num quarto completamente às escuras. Em frente, via-se a fenda da porta, pela qual se filtrava com intensidade uma luz viva; chegavam de trás dessa porta sons abafados de uma dolente mazorca. Tal como no salão, as janelas estavam ali completamente abertas e cheirava a choupos, a lilases e rosas...

Riabóvitch deteve-se pensativo... Nesse ínterim, inesperadamente para ele, ouviram-se passos apressados e um frufu de vestido, uma ofegante voz feminina murmurou: “Até que enfim!” e dois braços macios, cheirosos, indiscutivelmente femininos, envolveram-lhe o pescoço; uma face tépida apertou-se contra a sua e, ao mesmo tempo, ressoou um beijo. Mas, imediatamente, aquela que o beijara soltou um pequeno grito e, foi a impressão de Riabóvitch, afastou-se dele com repugnância, num movimento brusco. Ele também por pouco não gritou, e correu para a fenda fortemente iluminada da porta...

Quando voltou para o salão, o coração batia-lhe e as mãos tremiam-lhe de modo tão perceptível que ele apressou-se em escondê-las atrás. No primeiro instante, atormentaram-no a vergonha e o medo de que todo o salão soubesse que, ainda há pouco, uma mulher o abraçara e beijara; ele encolhia-se e olhava inquieto para os lados, mas, convencendo-se de que no salão continuavam a dançar e tagarelar da maneira mais repousada, entregou-se todo a uma sensação nova, que jamais experimentara. Acontecia-lhe algo estranho... O seu pescoço, que um instante atrás fora envolvido por braços ma-

cios, cheirosos, parecia-lhe untado com manteiga; sobre a face junto ao bigode esquerdo, onde fora beijado pela desconhecida, tremia um friozinho ligeiro, agradável, como de gotas de menta, e quanto mais ele esfregava esse lugar, mais fortemente sentia o friozinho, e todo ele, da cabeça aos pés, estava repleto de um sentimento novo, estranho, que não cessava de crescer... Teve vontade de dançar, falar, correr para o jardim, rir alto... Esqueceu-se completamente de que era curvado e incolor, que tinha suíças de lince e um “físico indefinido” (assim se descrevera o seu aspecto exterior numa conversa de senhoras, que ele ouvira sem querer). Quando a mulher de Rabbek passou ao lado, ele sorriu-lhe tão larga e carinhosamente que ela se deteve e olhou-o com ar interrogador.

— A sua casa agrada-me tremendamente!... — disse ele, corrigindo os óculos.

A mulher do general sorriu e disse que essa casa pertencera a seu pai, depois perguntou-lhe se os pais dele ainda viviam, se fazia tempo que servia nas fileiras, por que era tão magro etc... Tendo recebido resposta às suas perguntas, ela caminhou adiante, e, depois dessa conversa, ele se pôs a sorrir ainda mais carinhosamente e a pensar que estava rodeado de gente magnífica...

Durante a ceia, Riabóvitch comeu maquinalmente tudo o que lhe ofereceram, bebeu e, não ouvindo nada, procurou explicar para si mesmo a recente aventura... Esta tinha um caráter misterioso e romântico, mas não era difícil explicá-la. Certamente, uma moça ou senhora marcara com alguém um encontro no quarto escuro, esperara muito tempo e, estando com os nervos excitados, confundira Riabóvitch com o seu herói: o fato era ainda mais plausível porque, ao atravessar o quarto escuro, Riabóvitch parara pensativo, isto é, tinha o aspecto de uma pessoa que também espera algo... Foi justamente assim que explicou a si mesmo o beijo recebido.

“Mas quem é ela?”, pensava, examinando os rostos femininos. “Deve ser jovem, pois as velhas não vão a encon-

tros. Ademais, era culta, pois isto se percebia pelo frufu do vestido, pelo aroma, pela voz...”

Deteve o olhar na senhorita lilá, que então lhe agradou muito; tinha ombros e braços bonitos, rosto inteligente e uma bela voz. Olhando-a, Riabóvitch quis que ela, e não uma outra, tivesse sido aquela desconhecida... Mas ela riu com expressão insincera e franziu o nariz comprido, que lhe pareceu envelhecido; transferiu então o olhar para a loura de preto. Esta era mais jovem, mais simples e sincera, tinha umas tēmporas encantadoras e bebia muito bonito do seu cálice. Agora, Riabóvitch quis que ela fosse aquela. Pouco depois, no entanto, achou que o seu rosto era pouco delicado e dirigiu os olhos para a sua vizinha...

“É difícil adivinhar”, pensou, devaneando. “Se se tomarem da moça lilá apenas os ombros e os braços, acrescentando-se as tēmporas da loura e tomando-se os olhos dessa que está sentada à esquerda de Lobitko, então...”

Efetou mentalmente a soma e disso resultou a imagem da jovem que o beijara, aquela imagem que ele queria, mas de jeito nenhum conseguia achar à mesa...

Após a ceia, as visitas, alimentadas e inebriadas, começaram a despedir-se e a agradecer. Os donos da casa desculparam-se novamente por não poderem convidá-los a pernoitar ali.

— Estou muito, muito contente, senhores! — dizia o general, e desta vez com sinceridade (provavelmente porque, despedindo-se das visitas, as pessoas são geralmente muito mais sinceras e bondosas que ao recebê-las). — Muito contente! Venham ver-nos quando passarem por aqui na volta! Sem cerimônia! Mas por onde estão indo? Querem ir por cima? Não, passem pelo jardim, por baixo, assim é mais perto.

Os oficiais saíram para o jardim. Depois da luz forte e do barulho, o jardim lhes pareceu muito escuro e silencioso. Caminharam calados até o portão. Estavam meio embriagados, alegres, satisfeitos, mas as trevas e o silêncio obriga-

ram-nos a ficar uns instantes pensativos. Cada um teve provavelmente o mesmo pensamento que Riabóvitch: chegará também para eles o dia em que, a exemplo de Rabbek, terão uma casa espaçosa, família, um jardim, quando também eles terão a possibilidade de tratar as pessoas com carinho, ainda que insincero, deixá-las fartas, embriagadas, contentes?

Depois de atravessar o portão, começaram a falar todos ao mesmo tempo e puseram-se a rir alto, sem qualquer motivo. Agora, já estavam caminhando pela senda que descia até o rio e, depois, avançava bem junto à água, contornando os arbustos da margem, os barrancos e os salgueiros que pendiam sobre a correnteza. Mal se viam a margem e a vereda, e a riba oposta estava completamente imersa em treva. Estrelas refletiam-se aqui e ali na água escura; elas tremiam e diluíam-se, somente por isso podia-se perceber que o rio corria depressa. Reinava o silêncio. Narcejas sonolentas gemiam na margem oposta, e, nesta, um rouxinol soltava num dos arbustos trinados sonoros, sem dar qualquer atenção ao grupo de oficiais. Estes pararam um pouco junto ao arbusto, tocaram nele, mas o rouxinol continuou cantando.

— Que tal? — ouviram-se exclamações aprobatórias. — Nós estamos ao lado, e ele nem liga! Que malandro!

No fim do caminho, a vereda ia para cima e, junto ao gradil da igreja, dava na estrada. Aqui, os oficiais, cansados da caminhada morro acima, sentaram-se um pouco e fumaram. Na margem oposta apareceu uma chamazinha vermelha, baça, e, por desfastio, eles ficaram muito tempo conjecturando se era uma fogueira, uma janela iluminada ou algo diferente... Riabóvitch olhava também a chama e tinha a impressão de que esse fogo sorria-lhe e piscava, como se conhecesse o episódio do beijo.

Chegando ao acantonamento, despediu-se bem depressa e deitou-se. Na mesma isbá, estavam instalados Lobitko e o Tenente Mierzliakóv, um rapaz quieto, sossegado, considerado em seu círculo um oficial culto e que, em todas as

oportunidades, lia *O Mensageiro da Europa*,<sup>3</sup> carregando-o sempre consigo. Lobitko se despiu; passou muito tempo andando de um canto a outro, o ar insatisfeito, e mandou o ordenança buscar cerveja. Mierzliakóv deitou-se, colocou uma vela à cabeceira e mergulhou na leitura do *Mensageiro*.

“Quem será ela?”, cismava Riabóvitch, olhando o teto enfumaçado.

O seu pescoço, tinha a impressão, ainda estava untado de manteiga, e junto à boca sentia um friozinho como que de gotas de menta. Perpassavam-lhe na imaginação os ombros e braços da senhorita lilá, as têmporas e os olhos sinceros da loura de preto, cinturas, vestidos, broches. Procurava deter a imaginação sobre essas imagens, mas elas pulavam, diluíam-se, tremiam. Quando desapareciam completamente sobre o largo fundo negro que todo ser humano vê ao fechar os olhos, ele começava a ouvir passos apressados, um frufu de vestido, o som de um beijo, e uma alegria intensa, sem causa, aposava-se dele... Entregue a essa alegria, ouviu voltar o ordenança e informar que não havia cerveja. Lobitko ficou profundamente indignado e novamente se pôs a caminhar.

— E então, não é mesmo um idiota? — dizia, parando ora em frente de Riabóvitch, ora em frente de Mierzliakóv. — É preciso ser um grande tolo e imbecil para não encontrar cerveja! Hem? Não é de fato um canalha?

— Naturalmente, não se encontra cerveja por aqui — disse Mierzliakóv, sem tirar os olhos de *O Mensageiro da Europa*.

— Sim? É a sua opinião? — insistiu Lobitko. — Meu Deus, pode mandar-me à lua, e no mesmo instante vou encontrar cerveja e mulheres! Vou sair agora e encontrar a bebida... Pode chamar-me de calhorda, se não a encontrar!

Levou muito tempo vestindo-se e puxando os canos

<sup>3</sup> *Viéstnik Ievrópi*, revista da época.

das botas grandes, depois fumou em silêncio um cigarrinho e saiu.

— Rabbek, Grabbek, Labbek — balbuciou, parando no corredor. — Não dá vontade de ir sozinho, que diabo! Não quer dar uma voltinha, Riabóvitch? Hem?

Não recebendo resposta, voltou, despiu-se em silêncio e deitou-se. Mierzliakóv suspirou, empurrou para um lado *O Mensageiro da Europa* e apagou a vela.

— Sim-im — balbuciou Lobitko, acendendo no escuro um cigarro.

Riabóvitch passou o cobertor sobre a cabeça e, enrolando-se como uma rosca, pôs-se a reunir na fantasia as imagens que passavam de relance e a fundi-las num todo. Mas não conseguiu obter nada com isso. Logo adormeceu, e o seu último pensamento foi que alguém o acarinhara e alegrara, que em sua vida ocorrera algo extraordinário, tolo, porém muito bom e alegre. Esse pensamento não o abandonava mesmo durante o sono.

Quando acordou, não sentia mais a manteiga sobre o pescoço, nem o friozinho mentolado junto aos lábios, mas, tal como na véspera, a alegria percorria-lhe o peito como uma onda. Olhou entusiasmado as ombreiras das janelas, douradas pelo sol que se erguia, e prestou ouvido ao movimento da rua. Alguém conversava bem junto às janelas. O comandante da bateria de Riabóvitch, Liebiediétzki, que acabava de alcançar a brigada, falava com um dos seus sargentos, muito alto, por não estar acostumado a conversar baixo.

— E o que mais? — gritou o comandante.

— Na ferragem de ontem, Vossa Alta Nobreza,<sup>4</sup> ferrou-se o Pombinho. O enfermeiro aplicou-lhe barro com vinagre. Agora, conduzem-no pela rédea, separado dos de-

<sup>4</sup> Tratamento dispensado, na Rússia czarista, aos oficiais superiores e aos funcionários de hierarquia elevada.

mais. E também, Vossa Alta Nobreza, o operário Artiêmiev embriagou-se ontem, e o tenente mandou prendê-lo sobre o jogo dianteiro de uma carreta de reserva.

O sargento relatou ainda que Kárpov esquecera as cor-reias novas dos instrumentos de sopro e os piquetes das bar-racas, e que os senhores oficiais visitaram na véspera o Ge-neral Von Rabbek. Em meio à conversa, apareceu à janela a cabeça ruiva de Liebiediétzki. Ele entrecerrou os olhos mío-pes, dirigindo-os para os rostos sonolentos dos oficiais e cum-primentou-os.

— Tudo em ordem? — perguntou.

— Um cavalo de tração e de sela machucou o garrote — respondeu Lobitko bocejando — com a nova coelheira.

O comandante suspirou, pensou um pouco e disse alto:

— Eu pretendo ir ainda à casa de Aleksandra Ievgrá-fovna. Preciso ver como está passando. Bem, até a vista. Vou alcançá-los à noitinha.

Um quarto de hora depois, a brigada pôs-se em movi-mento. Quando passaram pela estrada, junto aos armazéns da propriedade rural, Riabóvitch olhou para a casa, à direi-ta. As persianas estavam cerradas. Provavelmente, ainda dor-miam ali. Dormia também aquela que o beijara na véspera. Quis imaginá-la dormindo. A janela do quarto completamen-te aberta, os ramos verdes espiando por essa janela, o fres-cor matinal, o aroma do choupo, dos lilases e das rosas, o leite, a cadeira e, sobre esta, o vestido que ainda ontem fazia frufriu, os sapatinhos, o relógio sobre a mesa — traçou tu-do isto para si mesmo de modo nítido, destacado, mas os tra-ços do semblante, o querido sorriso sonolento, justamente aquilo que é importante e característico, fugira-lhe da ima-ginação que nem mercúrio de baixo de um dedo. Tendo per-corrido meia versta, voltou a cabeça: a igreja amarela, a casa, o rio e o jardim estavam inundados de luz; o rio, com as suas margens de um verde vivo, que refletia o céu azul e tinha aqui e ali um brilho argênteo, era muito bonito. Riabóvitch olhou

pela derradeira vez para Miestietchko e ficou muito entriste-cido, como se se despedisse de algo bem próximo e querido.

Pelo caminho, apareciam aos olhos somente quadros conhecidos havia muito e desinteressantes... À direita e à es-querda, campos de centeio e trigo-sarraceno, gralhas salti-tantes; olhando-se para a frente, viam-se poeira e nuças, vol-tando-se a cabeça, viam-se a mesma poeira e rostos... Na frente de todos, caminham quatro homens armados de espa-da: é a vanguarda. Segue-os uma multidão de cantores, atrás destes vêm a cavalo os corneteiros. A vanguarda e o coro, a exemplo dos empregados de pompas fúnebres num enterro, esquecem a todo momento a distância regulamentar e avan-çam muito... Riabóvitch está junto à primeira peça da quin-ta bateria. Vê as quatro baterias que seguem na frente. Para um paisano, essa longa e pesada fileira, como se apresenta a brigada em movimento, parece uma mixórdia quase incom-preensível; não se compreende por que há tanta gente junto a uma das peças e por que esta é puxada por tantos cava-los, arreados de maneira estranha, como se ela fosse de fato tão terrível e pesada. Mas, para Riabóvitch, tudo isso é com-pletamente compreensível, e por isso desinteressante ao ex-tremo. Sabe desde há muito para que, diante de cada bate-ria, caminha ao lado do oficial um grave subtenente e por que ele se chama subtenente carregador; depois dos ombros des-te, vêm-se os cavaleiros da primeira peça e, em seguida, os da central; Riabóvitch conhece o nome que recebem os ca-valos da esquerda e da direita, e isso é muito desinteressan-te. Seguem-se dois cavalos de tração. Sobre um desses, vem um soldado que traz nas costas a poeira da véspera e que tem um pedaço de madeira muito disforme e engraçado sobre a perna direita; Riabóvitch conhece a destinação desse pedaço de madeira, que não lhe parece engraçado. Todos os cava-leiros erguem maquinalmente as chibatas e de raro em raro soltam gritos. A própria peça é feia. Sobre o reparo, há sa-cos de aveia cobertos com uma lona, e o próprio canhão traz



como pingentes chaleiras, bornais, pequenos sacos, e parece um animalzinho inócuo, que tenha sido cercado, não se sabe por quê, de homens e cavalos. Nos seus flancos, caminham, agitando os braços, os seis serventes da peça. Atrás desta, vêm mais subtenentes, cavaleiros, e depois arrasta-se nova peça, feia e pouco imponente como a primeira. Seguem-se a terceira, a quarta; junto a esta última, um oficial etc. A brigada tem seis baterias, e cada uma dessas, quatro peças. A fileira arrasta-se por meia versta. Termina por uma carreta, junto à qual caminha pensativa, tendo pendida a cabeça de orelhas compridas, uma carantonha altamente simpática: o jumento Magar, trazido da Turquia por um comandante de bateria.

Riabóvitch olhava com indiferença para a frente e para trás, para as nuças e os rostos; noutra ocasião, teria cochilado, mas agora está completamente imerso nos seus pensamentos novos e agradáveis. A princípio, quando o grupo apenas acabava de iniciar a jornada, ele procurava convencer-se de que o episódio do beijo podia ser interessante apenas como uma aventurazinha misteriosa, que em essência tal episódio era insignificante, e que pensar nele seriamente era pelo menos uma tolice; mas logo se descartou da lógica e entregou-se aos devaneios... Ora ele se imaginava na sala de visitas em casa de Rabbek, ao lado de uma jovem que se parecia com a senhorita lilá e com a loura de preto; ora cerrava os olhos e via-se com uma outra moça, completamente desconhecida, com um rosto de traços muito indeterminados; mentalmente, falava, acariciava, inclinava-se sobre um ombro, imaginava a guerra e a separação, depois o regresso, a ceia com a mulher, visualizava os filhos...

— À boléia! — ressoava um comando, toda vez que se descia uma ladeira.

Ele gritava também “à boléia!” e temia que esse grito interrompesse os seus devaneios e o chamasse à realidade...

Passando junto a uma propriedade rural, Riabóvitch es-

piou por cima da cerca para o jardim. Apareceu uma alameda comprida, reta como uma régua, polvilhada de areia amarela e plantada de bétulas novas... Com a avidez de uma pessoa imersa em devaneios, imaginou pequenos pés de mulher caminhando sobre a areia amarela e, de modo completamente inesperado, desenhou-se nitidamente na sua imaginação aquela que o beijara e que ele soubera representar para si na véspera, durante a ceia. Essa imagem deteve-se em seu cérebro e não o abandonava mais.

Ao meio-dia, uma voz ressoou atrás, junto à carreta:

— Sentido! Olhar à esquerda! Senhores oficiais!

O general-de-brigada passou numa caleça, puxada por um par de cavalos brancos. Deteve-se junto à segunda bateria e pôs-se a gritar algo que ninguém compreendeu. Alguns oficiais acorreram à sua presença, e entre eles Riabóvitch.

— Bem, e então? O quê? — perguntou o general, piscando os olhos vermelhos. — Há doentes?

Recebidas as respostas, o general, pequeno e magricela, mastigou um pouco, pensou e disse, dirigindo-se a um dos oficiais:

— Na sua bateria, o cavaleiro da direita, da terceira peça, tirou a perneira e pendurou-a, o canalha, sobre o reparo. Reclame com ele.

Levantou os olhos para Riabóvitch e prosseguiu:

— E o senhor parece que tem os galões muito compridos...

Depois de fazer mais algumas observações cacetes, o general olhou para Lobitko e sorriu:

— E o senhor, Tenente Lobitko, tem hoje um aspecto muito triste. Está com saudade da Lopúkhova? Hem? Senhores, ele ficou com saudade da Lopúkhova!

Lopúkhova era uma senhora muito alta e corpulenta, que havia muito já passara dos quarenta. O general, que tinha um fraco pelas damas encorpadas de qualquer idade, suspeitava nos seus oficiais a mesma debilidade. Os oficiais

sorriram respeitosos. Contento por ter dito algo muito engraçado e sarcástico, o general-de-brigada deu uma sonora gargalhada, tocou o ombro do cocheiro e fez continência. A caleça prosseguiu caminho...

“Tudo o que eu agora sonho e que me parece impossível e não terrestre é, na realidade, muito comum”, pensava Riabóvitch, olhando as nuvens de poeira, que corriam atrás da caleça do general. “Tudo isto é muito comum e experimentado por todos... Por exemplo, este general amou um dia, agora está casado, com filhos. O Capitão Vákhter também se casou e é amado, não obstante a sua feia nuca vermelha e a ausência de cintura... Salmanov é rude e demasiado tártaro, mas teve um romance que acabou em casamento... Eu sou igual aos demais e, cedo ou tarde, hei de passar pelo mesmo que eles...”

E o pensamento de que era um homem comum e que a sua vida era uma vida comum alegrou-o, deixando-o mais animado. Ele já a desenhava ousadamente, como queria, bem como a sua felicidade, e não refreava mais a sua imaginação...

Quando, à noitinha, tendo a brigada chegado ao destino, os oficiais descansavam nas barracas, Riabóvitch, Mierzliakóv e Lobitko ficaram sentados ao redor de um baú, ceando. Mierzliakóv comia sem se apressar e, mastigando devagar, lia *O Mensageiro da Europa* que tinha sobre os joelhos. Lobitko falava sem cessar e ia enchendo um copo de cerveja, e Riabóvitch, a quem os devaneios durante um dia inteiro fizeram aparecer um nevoeiro na cabeça, calava-se e bebia. Depois de três copos, ficou tonto, fraco, e veio-lhe uma vontade incoercível de partilhar com os companheiros a nova sensação.

— Aconteceu-me um caso estranho em casa desses Rab-bek... — começou, procurando dar à voz um tom indiferente, zombeteiro. — Fui, imaginem vocês, à sala de bilhar...

Começou a contar muito minuciosamente a história do beijo, e um minuto depois calou-se... Nesse minuto, ele con-

tou tudo, e ficou extremamente admirado por ter sido necessário tão pouco tempo para contá-lo. Tivera a impressão de que poderia falar do beijo até o amanhecer. Depois de ouvi-lo, Lobitko, que mentia muito e por isso não acreditava em ninguém, olhou-o desconfiado e sorriu. Mierzliakóv moveu as sobrelhas e disse tranqüilo, sem tirar os olhos de *O Mensageiro da Europa*:

— Isto aqui é Deus sabe o quê!... Atira-se ao pescoço, sem antes chamar pelo nome... Deve ser uma psicopata...

— Sim, provavelmente uma psicopata... — concordou Riabóvitch.

— Já me aconteceu também um caso semelhante... — disse Lobitko, os olhos assustados. — Eu estava viajando, no ano passado, para Kovno... Compro uma passagem de segunda classe... O vagão está repleto e é impossível dormir. Dou meio rublo ao cabineiro... Este apanha a minha bagagem e conduz-me a uma cabine... Deito-me e cubro-me com a manta... Está escuro, compreendem? De repente, percebo que alguém me toca no ombro e respira bem junto ao meu rosto. Faço um movimento com a mão e sinto o cotovelo de alguém... Abro os olhos e, imaginem vocês... uma mulher! Os olhos negros, lábios vermelhos como um salmão dos bons, as narinas respirando paixão, o peito saltando que nem biela de locomotiva.

— Perdão — interrompeu-o tranqüilo Mierzliakóv. — Quanto ao peito, eu compreendo, mas como podia ver os seus lábios, se estava escuro?

Lobitko pôs-se a fazer rodeios e a rir da falta de imaginação de Mierzliakóv. Isso deixou Riabóvitch confuso. Afastou-se do baú, deitou-se e prometeu a si mesmo nunca mais fazer confissões.

Seguiu-se vida de acampamento... Sucederam-se os dias, muito semelhantes entre si. Todos esses dias, Riabóvitch sentia, pensava e comportava-se como um homem apaixonado. Todas as manhãs, quando o ordenança lhe trazia o necessá-

rio para lavar-se, ele despejava água fria sobre a cabeça e lembrava que em sua vida havia algo bom e tépido.

À noitinha, quando os companheiros encetavam alguma conversa sobre amor e mulheres, ele prestava atenção, acercava-se mais e assumia a expressão que tem o rosto dos soldados que ouvem o relato de uma batalha de que participaram. E nas noites em que a oficialidade inferior em farra, encabeçada pelo perdigueiro Lobitko, efetuava ataques domjuanescos ao “arrabalde”, Riabóvitch, que participava desses ataques, ficava sempre tristonho, sentia-se profundamente culpado e pedia-lhe mentalmente perdão... Nas horas de ócio ou nas noites de insônia, quando lhe dava na veneta lembrar a infância, o pai, a mãe, em geral o que era próximo e querido, lembrava invariavelmente também Miestietchko, o cavalo estranho, Rabbek, a esposa deste, que lembrava a Imperatriz Eugênia, o quarto escuro, a fenda iluminada da porta...

No dia 31 de agosto, ele voltava do acampamento, mas não mais com toda a brigada e sim com duas baterias. Durante todo o caminho, ele devaneou e inquietou-se, como se estivesse regressando à pátria. Queria apaixonadamente tornar a ver o cavalo estranho, a igreja, a insincera família dos Rabbek, o quarto escuro; a “voz interior”, que tantas vezes engana os apaixonados, murmurava-lhe por algum motivo que ele indefectivelmente haveria de vê-la... Perguntas atormentavam-no: como haveria de se encontrar com ela? Do que falariam? Ela não esquecerá o beijo? Na pior das hipóteses, pensava, mesmo que não a encontrasse, seria agradável o simples fato de passar pelo quarto escuro e recordar...

À noitinha, apareceram no horizonte a igreja conhecida e os armazéns brancos. Riabóvitch sentiu bater o coração... Não ouvia o oficial que cavalgava ao lado e que lhe dizia algo, esquecerá tudo e fixava com avidez os olhos no rio que brilhava ao longe, no telhado da casa, no pombal, sobre o qual pombos rodavam, iluminados pelo poente.

Aproximando-se da igreja e, depois, ouvindo um plan-

tao do acantonamento, esperava a todo instante aparecer do outro lado do gradil um cavaleiro, que convidaria os oficiais para o chá, mas... a prestação de contas dos plantões terminou, os oficiais apearam-se e arrastaram-se para a aldeia, e nenhum cavaleiro apareceu...

“Agora, Rabbek vai saber pelos mujiques que nós chegamos e mandará chamar-nos”, pensou Riabóvitch, entrando na isbá e não compreendendo por que o seu companheiro estava acendendo uma vela e por que os ordenanças apresavam-se a preparar os samovares...

Apoderou-se dele uma pesada inquietude. Deitou-se, depois se levantou e espiou pela janela a ver se não vinha um homem a cavalo. Mas este não dava sinal de vida. Tornou a deitar-se, meia hora depois se levantou e, não suportando a inquietação, saiu para a rua e caminhou para a igreja. Estava escuro e deserto na praça junto ao gradil... Havia três soldados bem junto à descida para o rio, calados. Vendo Riabóvitch, sobressaltaram-se e fizeram continência. Respondeu-lhes e começou a descer pela vereda sua conhecida. Sobre a margem oposta, todo o céu estava inundado de púrpura: erguia-se a lua; duas mulheres conversavam alto, andavam por uma horta e arrancavam folhas de repolho; além das hortas, algumas isbás destacavam-se, escuras... Mas, na margem em que estava, tudo permanecia como em maio: a vereda, os arbustos, os salgueiros pendendo sobre a água... apenas, não se ouvia o valente rouxinol, nem cheirava a choupo e a erva nova.

Chegando ao jardim, Riabóvitch espiou pelo portão. No jardim, tudo estava escuro e quieto... Apareciam apenas os troncos brancos das bétulas mais próximas, além de um pedacinho de alameda, tudo o mais fundia-se em massa negra. Riabóvitch aguçava avidamente olhos e ouvidos, mas, tendo permanecido ali em pé cerca de um quarto de hora e não conseguindo perceber nenhum som, nenhuma luzinha, arrastou-se de volta...

Acercou-se do rio. Diante dele, branquejavam a casa de banhos do general e os lençóis pendentes no parapeito da pontezinha... Subiu para esta, parou um pouco ali e, sem nenhuma necessidade, tocou um lençol. Este era áspero e frio. Olhou para baixo, para a água... O rio corria rápido e murmurava quase imperceptivelmente junto às pilastras da casa de banhos. A lua vermelha refletia-se junto à margem esquerda; pequenas ondas corriam sobre o seu reflexo, distendiam-no, rompiam-no em partes e pareciam querer levá-lo embora...

“Como é estúpido! Como é estúpido!”, pensou Riabóvitch, olhando a água veloz. “Como tudo isto é pouco inteligente!”

Agora, quando ele não esperava nada, a história do beijo, a sua impaciência, as esperanças vagas e a decepção apresentavam-se sob uma luz clara. Não lhe parecia já estranho não ter esperado o cavaleiro enviado pelo general, bem como o fato de que jamais veria aquela que o beijara em lugar de um outro; pelo contrário, o estranho seria se ele a encontrasse...

A água corria não se sabia para onde e para quê. Correria de maneira idêntica em maio; ainda em maio, saíra de um ribeiro para se derramar no grande rio, passara depois para o mar, evaporara-se, transformara-se em chuva e talvez fosse a mesma água que nesse instante corria aos olhos de Riabóvitch... Para quê? Com que fim?

E o mundo inteiro, toda a vida, pareceram a Riabóvitch uma brincadeira incompreensível, sem objeto... Mas, afastando os olhos da água e olhando o céu, lembrou novamente como o destino, na pessoa de uma mulher desconhecida, acarinhara-o sem querer, lembrou seus devaneios e imagens do verão, e a vida que levava pareceu-lhe tosca, miserável, incolor...

Ao voltar para a isbá, não encontrou nenhum dos companheiros. O ordenança comunicou-lhe que todos tinham ido

a casa do “General Fontriábkin”, que mandara chamá-los, por um criado a cavalo... Por um instante, a alegria acendeu-se no peito de Riabóvitch, mas ele a apagou imediatamente, deitou-se na cama e, por pirraça ao seu destino, como que desejando fazer-lhe birra, não foi à casa do general.

(1887)